



Arádia: a criação de uma messias das bruxas na obra "O evangelho das bruxas", de Charles G. Leland

Aradia: the creation of a witch messiah in "the Gospel of the Witches" by Charles G. Leland

Fábio L. Stern*

Resumo: Esse artigo objetivou estudar a obra Arádia: o evangelho das bruxas, de Charles G. Leland, um dos textos fundadores do neopaganismo e da bruxaria moderna. A narrativa de Leland serviu como mito fundador para a wicca e a stregoneria, um livro sagrado que também influenciou outros textos destas duas religiões. Foi analisada neste estudo, em especial, a figura da deusa Arádia, descrita na obra como messias das bruxas, a filha enviada pela deusa Diana para ensinar a bruxaria aos pobres oprimidos. O artigo foi dividido em três momentos. Primeiramente, o contexto histórico de produção da obra é introduzido. Na segunda seção, são abordadas a estrutura e a característica do livro sagrado. Por fim, a figura de Arádia é apresentada.

Palavras-chave: Wicca; stregoneria; bruxaria moderna; mitologia.

Abstract: This paper aimed to study Charles G. Leland's Aradia, or the Gospel of the Witches, one of the founding texts of Neopaganism and modern witchcraft. Leland's narrative served as the founding myth for Wicca and Stregheria, a sacred book that also influenced other texts in these two religions. In particular, this study analyzed the figure of the goddess Aradia, described in the book as the messiah of the witches, sent by her mother, the goddess Diana herself, to teach witchcraft to the oppressed poor people. This paper was divided into three moments. First, it is introduced the historical context of the production of the book. In the second section, the structure and characteristics of the sacred book are discussed. Finally, the figure of Aradia is presented.

Keywords: Wicca; stregheria; modern witchcraft; mythology.

Introdução

Quando a ciência da religião surgiu, no final do século XIX, ela se apresentou, inicialmente, como uma nova disciplina que estudava textos sagrados. Foi do pai da ciência da religião, Max Müller, a primeira tradução completa dos Upanixades diretamente do sânscrito e, em grande medida, durante a virada do século XIX para o século XX, entendia-se fazer ciência sobre religiões como sinônimo de se trabalhar com textos sagrados e fontes textuais primárias.

Conquanto isso tenha se dado no domínio das religiões mundiais, todavia não se observou a mesma lógica no estudo das mitologias. Ainda que a ciência da religião tenha grandes estudiosos do tema, no geral o estudo de mitos ficou mais relegado ao

* Bolsista PNPd/CAPES pelo PPG em Ciência da Religião da PUC-SP (São Paulo-SP). Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP, São Paulo-SP). ORCID: 0000-0001-5642-0299 – contato: caohim@gmail.com

ramo sistemático da disciplina, sem estudos empíricos aprofundados de tradições mitológicas específicas ou fontes arqueológicas feitos por cientistas da religião que tenham alcançado relevância histórica.

Em grande parte, isso se deu pela popularidade de Mircea Eliade, grande nome do estudo comparativo das religiões, que também escreveu sobre mitos (p. ex. Eliade, 1972; 2010; 2019). Por influência do círculo de Eranos, Eliade teve suas ideias transcendendo as fronteiras disciplinares da ciência da religião, motivando pensadores de diversas outras áreas – inclusive de fora da academia¹. Mas, para além de Eliade, o próprio Max Müller, que ficou mais conhecido por trabalhar na perspectiva empírico-histórica quando produziu sua obra sobre mitologia, preferiu elaborá-la também como estudo sistemático (cf. Müller, 1909).

Muito aconteceu na história da disciplina desde a primeira metade do século XX. Dentre os pontos principais de mudança, a ciência da religião passou por uma virada material importante na década de 1990 e, hoje, o campo não tolera mais grandes digressões e anacronismos como outrora foi comum na ciência da religião eliadiana (Vásquez, 2011). Tendo isso em mente, entendemos que os estudos de mitologia na ciência da religião devem atender aos dois ramos da taxonomia da área, e não apenas se manter isolados no ramo sistemático. Isso significa a necessidade de mais estudos sobre mitos, divindades e panteões específicos construídos por fontes primárias (ramo empírico-histórico), para que só então tais produções sejam utilizadas para comparar diferentes mitos (ramo sistemático). A forma como Eliade fazia mitologia comparada, pulando a primeira etapa, sem levantamento prévio de fontes arqueológicas e documentais, não é mais uma forma adequada de se pesquisar mitos na disciplina.

No presente artigo, gostaríamos de apresentar uma forma de estudo de uma divindade por vias empíricas, recorrendo a um texto “original” ao invés de uma literatura moderna. O caso da deusa Arádia, divindade cultuada predominantemente na wicca e na stregoneria, mas também presente em outras religiões neopagãs, cuja criação está vinculada ao lançamento de uma obra epônima do século XIX (Leland, 1990). O volume pode ser considerado o mais próximo que se pode encontrar, dentro da bruxaria moderna, de um texto sagrado fundador, e será a fonte primária de nossas considerações a respeito da divindade objeto deste estudo.

Por fim, antes de prosseguirmos, neste texto as palavras “deusa” e “deus” são ora grafadas com “d” (minúsculo), ora com “D” (maiúsculo). Aos leitores não familiarizados com o neopaganismo, a grafia com o “D” maiúsculo é utilizada quando queremos expressar a concepção monoteísta/henoteísta de deusa ou deus dentro da bruxaria moderna. Grafamos a palavra “Deusa” com o “D” maiúsculo, por exemplo, para expressar a ideia monolítica de Deusa existente dentro dessas religiões. Em algumas tradições de bruxaria moderna, essa ideia pode ser uma concepção monoteísta da Deusa, e em outras pode ser uma concepção mais henoteísta, na qual as outras divindades femininas específicas (p. ex. Ísis, Astarte, Diana, Hécate, Deméter, Kali, Inanna) emanariam da Deusa com “D” maiúsculo. Agora, quando nos referimos a divindades específicas (p.

1 Segundo Geertz (1993), inclusive, Eliade estava muito mais preocupado em escrever para o grande público do que para os pares acadêmicos.

ex., a deusa Época, a deusa Amaterasu, a deusa Brigid, a deusa Jaci, a deusa Ke Anuenue etc.), o “d” é grafado minúsculo.

Contexto histórico

A wicca e a stregoneria são formas de bruxaria moderna, compreendidas emicamente como reconstruções de um culto pré-cristão focado na natureza manifestada em um casal de deuses supremos. Na wicca, usualmente esse casal é simplesmente referido como a Deusa e o Deus, enquanto na stregoneria o casal é identificado como a divindade latina Diana e seu consorte Lúcifer. Ainda que não possua respaldo historiográfico, as ideias de uma religiosidade matrifocal pagã que sobreviveu às sombras do cristianismo durante toda a Idade Média e que re floresceu milagrosamente no século XX é comum aos praticantes dessas duas tradições. Arádia, no caso, seria a filha de Diana e Lúcifer, a messias encarnada da stregoneria.

Antes de prosseguirmos com nosso objeto específico, porém, faz-se necessário delimitar o que é bruxaria. Historicamente, a palavra tem sido utilizada para se referir a pessoas que supostamente possuem poderes sobrenaturais que alteram o curso dos eventos através de rituais (Russell, Magliocco, 2005), crença que existiu em quase todas as culturas e tempos. Segundo Russell e Alexander (2008, pp. 16-17), concepções como alta feitiçaria (“magia branca”) e baixa feitiçaria (“magia negra”) estão permeadas pelo pensamento empírico humano desde o Paleolítico Superior. Em termos antropológicos, bruxaria é a “capacidade” *reconhecida socialmente* de se usar magia, independente de uma filiação religiosa específica.

Resumidamente, a palavra “bruxa” (“*striga*” em italiano arcaico, “*wicce*” em inglês arcaico²) foi empregada em grande parte das línguas europeias como sinônimo de uso da magia com propósitos negativos. Em poucos idiomas, como no francês “*sorcier*”, a palavra foi usada desde tempos remotos tanto para a alta quanto para a baixa magia (Russell, Alexander, 2008, pp. 13-14). Historicamente se atesta a presença de duas figuras sociais distintas que se envolvem com magia nas sociedades: o bruxo, que lança maldições; e o xamã, pajé, curandeiro, sacerdote ou exorcista, que usa a magia para curar e combater os poderes nefastos da bruxaria. Foi somente após o Romantismo, no século XVIII, que tais fronteiras se borraram na Europa. Em outras palavras, a visão da bruxa sacerdotisa, sábia e curandeira, que hoje perdura no neopaganismo europeu, não pode ser encontrada antes disso no continente.

Historicamente, as sociedades que acreditaram em bruxaria tenderam a descrever as bruxas como sendo o oposto de tudo o que é bom e correto para a sua cultura. Ou utilizando os termos junguianos, elas seriam a *sombra* daquilo que consciente coletivo constrói em sua *persona*.

A imagem da feiticeira clássica é quase uniformemente tenebrosa: Circe, a sedutora; Medeia, a assassina; Dípsias, de Ovídio; Oenoteia, de Apuleio e especialmente Canídia e Sagana, de Horácio, aquelas que com seus olhos lívidos e hediondos, descalças, cabelos

2 Daí a etimologia dos nomes “wicca” e “stregoneria”.

desgrenhados e roupas andrajosas, reuniam-se de noite num lugar ermo para escavar o solo com seus dedos em forma de garras, esquartejar um cordeiro negro, comer-lhe a carne e invocar os deuses infernais (Russell, Alexander, 2008, p. 35).

No cristianismo, embora a Inquisição já tivesse respaldo legal desde a bula papal *Ad extirpanda* (Inocêncio IV, 1252), que autorizava a utilização de tortura para arrancar confissões de heresia, foi apenas no século XV que a bruxaria foi reconhecida como ameaça oficial pelo Vaticano, pela bula papal *Summis desiderantes affectibus* (Inocêncio VIII, 1484). Em resposta, o livro *Malleus maleficarum* foi redigido, orientando a caça, roubo de bens e terras, sequestro, tortura e execução de pessoas até o século XVIII.

Com o estabelecimento do Estado leigo, todavia, a sociedade passou a condenar veementemente a chacina religiosa endossada pelo Vaticano. Frente ao debate sobre o frenesi da Inquisição, a igreja católica tentou se defender, reafirmando que a bruxaria era uma ameaça real. Foram os próprios pensadores católicos do século XVIII quem primeiro fabricaram a noção de que a bruxaria na Europa era um resquício de um paganismo pré-cristão que desafiava a hegemonia do cristianismo, para tentar se esquivar da opinião pública (Russell, Alexander, 2008).

Aproveitando as declarações da igreja, o historiador Jules Michelet escreveu, em 1862, o livro *A feiticeira* (cf. Michelet, 2003), o qual se tornou imediatamente um *best-seller* por ir ao encontro do *Zeitgeist* que atacava a igreja, a monarquia e a aristocracia. A obra apresentava a bruxaria europeia como uma reminiscência pré-cristã de camponeses que faziam cultos de fertilidade para protestar contra o poder dominante e opressor da igreja. Declaradamente uma obra de ficção, feita para gerar dinheiro, academicamente suas ideias nunca foram consideradas. Mesmo assim, o livro se tornou central nas discussões populares sobre bruxaria por um século.

Foi nesse contexto que, em 1886, o folclorista Charles G. Leland, que leu a obra de Michelet na juventude, escreveu o livro *Arádia: o evangelho das bruxas* (cf. Leland, 1899). Após se mudar para a Itália, Leland disse ter conversado por uma década com uma quiromante florentina chamada Maddalena, uma personagem que ele dizia ser descendente de uma linhagem de bruxas toscanas. Como explica Strmiska (2005, p. 56, tradução minha), “de acordo com Leland, Maddalena pertencia a uma família de bruxas que praticava uma forma da religião pagã centrada na adoração à deusa lua Diana e seu consorte, Lúcifer”. Leland alegou ter recebido manuscritos escritos pela própria quiromante, textos que presumidamente seriam parte de um livro sagrado de uma religião que cultuava a deusa itálica³. Essa religião, secreta e organizada, seria difundida pelos camponeses em paralelo à superfície da sociedade italiana como uma espécie de oposição feminista ao catolicismo. Os manuscritos, acrescidos de comentários do próprio Leland, teriam originado o livro.

No início, *Arádia: o evangelho das bruxas* não despertou grande interesse do público. Como nada similar havia sido, até então, documentado por etnólogos italianos, a academia questionou a autenticidade do trabalho. Leland foi acusado de ter inventado

3 Embora seja popularmente referida como “deusa romana”, Diana é uma divindade pré-romana, motivo pelo qual a terminologia “itálica” (dos povos itálicos) é academicamente mais adequada.

Maddalena, já que ninguém, além dele próprio, a conheceu. A bruxa toscana teria sido criada por Leland para garantir a suposta veracidade da narrativa e vender o seu livro. Ou, ainda que a vidente tenha existido, visto que Leland disse que pagou pelas informações, poderíamos estar diante de uma respondente que falou aquilo que achava que satisfaria o pesquisador (Hutton, 1991, p. 152; Strmiska, 2005, p. 58). Em todo caso, todas as evidências sobre *Arádia: o evangelho das bruxas* apontavam para a falsificação.

Com o tempo, porém, outros autores embarcaram na busca romântica por construir academicamente uma teoria sobre uma sociedade matrifocal pré-cristã:

A obra de Leland foi firmemente adotada – parte dela, palavra por palavra – pelo movimento da bruxaria moderna. Leland foi o primeiro a usar o termo “a Religião Antiga” [*la vecchia religione*] [...]; alguns dos encantamentos e rituais utilizados pelos bruxos modernos são simples passagens retiradas do *Arádia*, virtualmente sem modificações (Russell, Alexander, 2008, p. 158, grifo dos autores).

Hanegraaff (1996, p. 87) endossa que a obra de Leland foi uma das quatro fontes principais utilizadas por Gerald Gardner para elaborar a wicca na Inglaterra. Strmiska (2005, p. 56) também confirma isso, declarando que *Arádia: o evangelho das bruxas* foi central tanto para a fundação da wicca quanto da stregoneria. Aliás, um dos principais textos sagrados da wicca, a *Carga da Deusa*⁴, de Doreen Valiente, possui 18,7% de plágio do texto de Leland (Serith, 1996).

Hoje, partes importantes da ritualística wiccana e da stregoneria derivam da obra em questão: os encontros em dias de lua cheia, o nome da deusa Arádia, a ritualística nua, a utilização de alguns artefatos e a própria *Carga da Deusa* são exemplos listados por Strmiska (2005, p. 58). Além disso, concluir o sabá bruxo com uma ceia consagrada – um dos ritos mais comuns na bruxaria moderna – e a noção de que a Deusa tem como consorte o seu próprio filho – um dos mitos mais difundidos na bruxaria moderna – também é algo que já aparece em *Arádia: o evangelho das bruxas*.

Características da obra

Arádia: o evangelho das bruxas é um livro curto, com pouco mais de 130 páginas na edição original, intercalando verso e prosa. O livro é escrito partes em italiano, partes em inglês. O italiano utilizado possui problemas de ortografia, acentuação e sintaxe. Tais passagens são declaradas pelo autor como cópias de supostos manuscritos históricos aos quais ele teve acesso e foram traduzidas por Leland para o inglês. Entretanto, as traduções por vezes não expressam exatamente as ideias do original. As partes italianas figuram, em grande medida, versos rimados. O próprio nome da divindade principal, Diana, apresenta variações no volume. Ora a grafia latina “Diana” é utilizada, ora a grafia etrusca “Tana”. Em determinado momento, também se utiliza o epíteto “Madonna”.

⁴ Em muitas tradições wiccanas, o texto de Valiente ou variações dele são recitados por uma alta sacerdotisa dentro do “círculo mágico”, espaço onde ocorrem os rituais da bruxaria moderna, para representar simbolicamente a própria Deusa encarnada falando com os outros participantes.

Segundo Strmiska (2005, p. 56, tradução minha), o livro “é uma coletânea de feitiços, rimas e lendas que Leland declara ter coletado de uma vidente florentina que ele chamou de Maddalena”. A obra é influenciada pelo pensamento marxista do século XIX, com uma perspectiva anacrônica da sociedade italiana medieval pelas chaves de leitura de “opressão” e “revolução social”, categorias que, evidentemente, não podem ser aplicadas à realidade feudal italiana do modo como Leland pretendeu. Bezerra explica bem como tal teor aparece na obra:

Os oprimidos, descontentes, tornaram-se rebeldes e formaram um tipo de anarquia secreta, misturada à superstição e a fragmentos, que ele [Leland] chama de antiga tradição. Numa época em que os ricos faziam dos pobres seus escravos, a deusa Diana, protetora dos explorados, manda à Terra sua filha Arádia (Bezerra, 2019, p. 141).

Essa leitura de Leland é descolada da realidade histórica da Itália, sendo mais *wishful thinking* do que fruto de fatos históricos concretos. Não por acaso, a obra foi acusada de ser propaganda política disfarçada de livro religioso (Adler, 2008). Além disso, existem fatores que inviabilizam a noção de uma religião pré-cristã que teria sobrevivido ao catolicismo medieval italiano até o século XX. Strmiska cita pelo menos três motivos:

[1] A forte presença do cristianismo em toda a península desde muito cedo após a queda do império romano; [2] a falta de uma cultura e linguagem italiana unificadas até o final do século XIX; e [3] o relativo isolamento e falta de recursos das classes camponesas, as mesmas que teriam preservado a religião, de acordo com o mito neopagão (Strmiska, 2005, p. 70, tradução minha).

Além do pensamento marxista, o “anticristianismo” também é uma tônica importante de toda a obra. Em primeiro lugar, nota-se que figuras antagonistas no cristianismo são exaltadas, como Lúcifer e Caim. Em contrapartida, deus Pai, deus Filho e Maria são referidos como “*il tre diavoli*” (Leland, 1990, p. 3), “os três diabos”. Além disso, em outra passagem, o livro diz que “*il vero dio Padre non e il vostro*” (Leland, 1990, p. 3), literalmente “o deus Pai não é o seu deus”. A verdadeira mãe e o verdadeiro pai das bruxas, segundo a obra, seriam Diana e Lúcifer.

Símbolos cristãos centrais são apropriados e distorcidos no volume, a começar pela própria palavra “Evangelho”, objetivamente utilizada para descrever o livro: “*il Vangelo delle streghe*” (Leland, 1990, p. 62), “o Evangelho das bruxas”. Do mesmo modo, o vinho é descrito literalmente como “*il sangue di Diana*”⁵ (Leland, 1990, p. 44), em um evidente empréstimo do simbolismo da eucaristia cristã, em que o vinho figura o sangue de Cristo.

A própria personagem que dá nome ao livro, a messias Arádia, é em grande medida uma corruptela feminina de Jesus. Diana é descrita como deusa mãe suprema, criadora da luz, das estrelas e da própria lua (Leland, 1990, cap. 1, 3), e sua filha sagrada, Arádia, teria encarnado na região da Toscana para difundir a sua palavra. Enquanto

5 Na mitologia romana, Diana não era relacionada ao vinho. Baco e Vênus eram as principais divindades que regiam a bebida.

no cristianismo Jesus teria encarnado para libertar a humanidade do pecado original através da graça, no livro de Leland, Arádia encarnou para libertar os pobres da opressão eclesial através da bruxaria.

O livro também reproduz muito do imaginário comum sobre bruxaria na Europa. A relação das bruxas com gatos aparece logo no mito de nascimento de Arádia, que diz que Diana se transformou em um gato para seduzir Lúcifer, porque o gato seria a criatura que ele mais ama perante todas (Leland, 1990, p. 19). Nos registros arqueológicos e históricos, não há relações da deusa Diana com gatos, mas sim com cães de caça. Mas para ir ao encontro daquilo que seus leitores esperavam, Leland insere em seu livro o animal, símbolo da bruxaria na cultura europeia.

A figura medieval de bruxas dançando peladas e fazendo orgias também teve lugar no livro. Ao descrever como o sabá das bruxas deveria ser executado, o folclorista objetivamente disse que os presentes deveriam estar nus. Além disso, ao final da cerimônia, os homens e mulheres deveriam fazer uma grande ceia e, posteriormente, transarem entre si na escuridão da noite (Leland, 1990, p. 14). A crença medieval de que as bruxas amaldiçoam as colheitas também possui eco na obra, na passagem em que Diana diz: “*E dove si trova un contadino ricco e avaro, insegnerai alle strege tue alunne, come rovinare il suo raccolto con tempesta, folgore e balen, con grandine e vento*” (Leland, 1990, p. 3), literalmente “e onde houver um camponês rico e avarento, ensinará a bruxaria, como arruinar sua colheita com tempestade e relâmpagos, com granizo e vento”.

Sobre os feitiços compilados no livro, há desde ritos para se conseguir sexo casual (Leland, 1990, cap. 6), comprar coisas mais baratas do que o usual (Leland, 1990, cap. 7), e até para amaldiçoar alguém que o rejeitou no amor (Leland, 1990, cap. 9). Strmiska (2005, p. 56, tradução minha) diz que “muitos deles têm como objetivo dissipar a má sorte ou o mau-olhado ou trazer boa sorte. Em tom, esses feitiços enfatizam uma relação clientelista entre Diana e seus seguidores: a divindade é ameaçada se não ajudar a cumprir os pedidos do suplicante”. A lógica segue aquela da religião popular italiana, em que se fazem promessas a santos, retirando suas imagens ou oferendas dos altares, “chantageando” a divindade de que não receberá mais adoração até que os pedidos sejam atendidos.

Citando um exemplo de como isso aparece na obra, logo na primeira invocação a Caim há uma passagem em que se lê: “*se questa grazia o Caino non mi farai, pace e bene non avrai*” (Leland, 1990, p. 12), literalmente “se não me concederes esta graça, ó Caim, não terás paz”. O filho de Adão é apresentado como alguém que está aprisionado no sol (Leland, 1990, p. 12-13), e a troca proposta entre a bruxa que o invoca e a figura bíblica é que se ele lhe conceder a clarividência, as mazelas de Caim seriam aliviadas.

Por fim, vale ressaltar que Leland era folclorista de formação. Como tal, soube como organizar o livro para que se parecesse com uma coletânea legítima, motivo pelo qual foi tão bem aceito posteriormente por Margaret Murray, servindo de modelo para a criação do famoso livro *O culto das bruxas na Europa ocidental*. Hoje é atestado pelos historiadores da wicca que *Arádia: o evangelho das bruxas* foi uma das fontes primárias para a criação da wicca gardneriana. Clifton (2004, p. 62), inclusive, atesta

que inicialmente os primeiros gardnerianos se referiam à Deusa pelo nome de Arádia. Com isso, a wicca gardneriana, em certa medida, emulou a relação cristã entre deus Pai e deus Filho, já que Arádia e Diana eram, ao mesmo tempo, uma mesma divindade única: a Deusa com D maiúsculo.

A deusa Arádia de Leland

O livro sagrado objetivamente indica que Arádia é uma recriação de Herodíade (Leland, 1990, p. viii, 1), personagem bíblica responsável pela execução de João Batista (Bíblia, Mt 14,3-11; Bíblia, Mc, 6,17-28). Segundo Walker (1983, p. 399), a partir do século X, Herodíade foi amalgamada à deusa lunar Hécate, recebendo, então, o epíteto de rainha das bruxas. Claramente uma antagonista no cristianismo, com o tempo o culto a Herodíade passou a ser o segundo mais denunciado pelos inquisidores para condenar as pessoas por bruxaria, sendo apenas menos citado que o culto à Diana (Iles, 2009). Como tanto Hécate quanto Diana são deusas lunares mediterrâneas, e Diana e Herodíade eram identificadas como rainhas das bruxas na Idade Média, Leland parece compilar em uma única personagem diversas crenças medievais sobre bruxaria na Europa meridional.

O mito de Arádia é retratado nos dois primeiros capítulos do livro. A narrativa começa dizendo que, em uma época não especificada havia muitos pobres e ricos, e os ricos escravizavam os pobres, torturando-os e os prendendo em seus castelos. Alguns desses escravos conseguiram assassinar seus mestres, roubando seus bens e fugindo para as montanhas e florestas, onde passaram a viver como ladrões e assassinos (Leland, 1990, p. 2).

É nesse momento que Diana manda Arádia à Terra, para “ser a primeira bruxa de todo o mundo, ensinar as pessoas a envenenarem seus senhores e matá-los em seus palácios” (Leland, 1990, p. 2, tradução minha). Os versos deixam claro que Arádia é enviada enquanto humana mortal à Itália. O lugar exato da Toscana onde ela teria nascido não é especificado, embora Iles (2009) desconfie que ela teria sido enviada à comuna de Volterra, visto o local ser mencionado no livro.

Arádia é apresentada na obra, antes de tudo, como uma deusa da vingança e resistência social; mais especificamente, a mão encarnada de Diana visando retribuição contra a inquisição cristã. O mito atribui à própria deusa Diana a seguinte frase: “*quando un prete ti fara del male, [...] Tu le farai (sempre) un doppio male, col mio nome, col nome di Diana, regina delle streghe*” (Leland, 1990, p. 3, grifo do autor), literalmente “quando um padre te fizer mal, [...] você devolverá o mal em dobro, por meu nome, pelo nome de Diana, a rainha das bruxas”.

Assim como a passagem cristã da última ceia, a messias Arádia também prevê sua morte e retorno ao céu, e ensina a seus discípulos como comungar com a deusa Diana. Nesse momento, ela se dirige a uma bruxa, explicando o que fazer após ela partir deste mundo. O trecho, em italiano truncado, pode ser observado a seguir:

Original (sic.)	Tradução
Quando io saro partita da questo mondo, Qualunque cosa che avrete bisogna, Una volta al mese quando la luna E piena... Dovete venire in luogo deserto, In una selva tutte insieme, E adorare lo spirito potente Di mia madre <i>Diana</i> , e chi vorra Imparare la stregonerie, Che non la sopra, Mia madre le insegnera, Tutte cose... Sarete liberi dalla schiavitù! E cosi diverrete tutti liberi! Pero uomini e donne Sarete tutti nudi, per fino. Che non sara morto l'ultimo Degli oppressori e morto, Farete il giuoco della moccola Di Benevento, e farete poi Una cena cosi	Quando eu partir deste mundo, Qualquer coisa que tenha, é necessário, Uma vez por mês, quando a lua Estiver cheia... Você deve ir a um lugar deserto, Uma floresta, todos juntos, E adorar o espírito poderoso De minha mãe <i>Diana</i> , e de quem quiser Aprender a bruxaria, Que não suba, Minha mãe lhe ensinará, Todas as coisas... Você estará livre da escravidão! E assim todos vocês serão livres! Homens e mulheres Todos ficarão nus, no fim. Até que caia morto o último Dos opressores e morto, Faça o juramento de Benevento, e então Uma ceia assim

Fonte: Leland (1990, pp. 5-6, tradução minha).

Essa sagrada comunhão é chamada na obra de “encontro das bruxas”, “sabá” ou “*treguenda*” [sic.]. Sobre o último termo, possivelmente Leland intencionou a palavra italiana “*tregenda*”, mas a reproduziu com erro de ortografia.

Embora o nascimento exato de Arádia hoje seja identificado na stregoneria em 13 de agosto de 1313 (Iles, 2009), em nenhum momento do livro Leland apresenta uma data, nem mesmo aproximada. Do mesmo modo, Iles (2009) clarifica que a representação de Diana enquanto criadora do mundo e mãe da bruxaria não encontra subsídios nos registros clássicos da mitologia romana.

A análise da obra original de Leland e o contexto histórico no qual ela se insere aponta que a messias Arádia e a concepção de Diana como deusa suprema são casos similares àquele do culto de Eurínome pela wicca. Em outro lugar (Guerriero, Stern, 2018), foi discutido que no Movimento da Deusa divindades femininas menores receberam projeções da espiritualidade feminista, sendo recriadas quase que do zero para figurar um papel muito maior que aqueles que originalmente elas possuíam. E, nesse contexto, tais papéis sociais são criações modernas, e não algo antigo como emicamente se acredita.

Durante o século XX, outros autores embarcaram nesse tipo de busca por uma sociedade ou religião matriarcal primordial da Europa. Exemplos de destaque foram Robert Graves, Marija Gimbutas e Merlin Stone, para citar alguns nomes. Diretamente ou indiretamente devedores de Leland, nenhum deles conseguiu sustentar suas teorias quando colocadas em xeque com as evidências arqueológicas e documentais. Hoje, esse

coletivo de pensamento é muito mais considerado como uma empreitada criativa do que, de fato, reconhecido academicamente como algo científico.

Entretanto, como já mencionado em Guerriero e Stern (2018), para o fiel neopagão é irrelevante tais detalhes historiográficos. A imagem de uma messias mulher enviada pela própria Deusa para combater a perseguição do catolicismo, uma religião com sacerdócio estritamente masculino, é uma figura poderosa, que até hoje encontra grande apelo nos meios da wicca e da stregoneria. O que importa ao cientista da religião é entender que esse movimento serviu de semente para o surgimento do próprio neopaganismo (Russell, Alexander, 2008), e, por conta disso, está intimamente ligado à cosmologia de seus praticantes.

O *ethos* neopagão, em grande medida, gira em torno de uma autoidentidade de ruptura definitiva com o cristianismo (Strmiska, 2005, p. 7). Não são incomuns os ataques ao cristianismo nesses meios. Como explica Hanegraaff (1996, p. 88, tradução minha), no neopaganismo, “o ‘patriarcado’ – exemplificado especialmente pelo cristianismo institucionalizado – é claramente o inimigo”. É desse quadro simbólico que o mito de Arádia ascende. Por englobar os anseios das bruxas frente a uma disputa religiosa muito peculiar, e das feministas em sua busca por reparação histórica às mulheres, a messias de Leland se torna uma deidade digna de culto para essas pessoas.

Arádia se tornou especialmente popular entre grupos de espiritualidades feministas porque o seu mito coloca Diana em primeiro lugar, ao invés de Lúcifer. A segunda onda do feminismo foi um importante fator de impulso à difusão da wicca nos Estados Unidos. Logo, não fica difícil entendermos por que a obra de Leland, que relaciona bruxaria com a luta contra a opressão na figura de uma messias mulher, acabou adquirindo o *status* de livro sagrado nesses meios (Adler, 2008).

Os reflexos disso são ainda hoje facilmente observáveis no neopaganismo. Citando um caso da stregoneria, no qual o papel de Arádia é mais acentuado que na wicca, um livro êmico do século XXI interpreta o mito de Leland da seguinte forma:

O que Arádia ensinava era a religião de Diana, a Rainha das Bruxas e da Lua; a Deusa dos Pobres e dos Oprimidos. [...] Logo depois que Arádia trouxe o re florescimento da Velha Religião, uma violenta perseguição às Bruxas tomou conta da Itália; a fim de sobreviver, o culto se tornou secreto, com encontros às escondidas e leis severas para assegurar que não seria descoberto. O segredo continuou até o início do século XIX, quando as Bruxas começaram a trabalhar sob o disfarce de grupos maçônicos e outras organizações (Grimassi, 2003, p. 28).

Muito do que está descrito neste parágrafo não aparece em qualquer lugar de *Arádia: o evangelho das bruxas*. Não é apresentada, conforme já mencionado, a data da encarnação da filha de Diana no livro sagrado. A maçonaria ou qualquer outra organização também não são aludidas – nem mesmo nos apêndices, notas de rodapé ou no prefácio do livro. E não se encontram subsídios para a declaração de que o culto de Diana se tornou secreto posteriormente à morte de Arádia, porque a caça as bruxas tomou conta na Itália como resposta aos pobres terem aprendido a bruxaria. No livro sagrado, desde o início de seu culto a própria Arádia, ainda encarnada, pede às bruxas que os seus ritos sejam feitos em segredo.

Contudo, a interpretação acima é emblemática para ilustrar que, em religiões vivas, os mitos estão em constante mudança. Em tradições fortemente institucionalizadas, essa evolução natural também acontece, mas tende a ficar mais engessada. Mas em religiões descentralizadas, como é o caso do neopaganismo, isso ocorre com maior fluidez. “Muitos mitos sofrem transformações e ganham novos significados a partir de interesses específicos e momentâneos. O importante é perceber que fazem sentido e permanecem vivos no imaginário dos adeptos das diferentes religiões” (Guerriero, Stern, 2018, p. 410).

Conclusão

O presente artigo objetivou estudar a obra *Arádia: o evangelho das bruxas*, de Charles G. Leland, por ser um dos textos fundadores do neopaganismo e da bruxaria moderna. Foi analisada, em especial, a figura da deusa Arádia, descrita na obra como a messias das bruxas, a filha enviada pela própria Deusa para ensinar a bruxaria aos pobres, para que eles lutassem contra a opressão da igreja católica.

O presente estudo reafirmou algo que já havia sido discutido anteriormente em Guerriero e Stern (2018): que as mitologias, enquanto algo vivo, refletem muito das preocupações da comunidade na qual elas estão inseridas. O estudo empírico desse livro sagrado também apontou que o mecanismo de “criação” da divindade Arádia foi similar àquele de Eurínome, possuindo pouco respaldo em fontes arqueológicas e documentais clássicas, mas indo ao encontro do *Zeitgeist* daqueles que falavam sobre bruxaria durante os séculos XIX e XX.

Por fim, este artigo serve como convite para que mais cientistas da religião recorram às fontes primárias ao estudar mitologias. Embora a mitologia comparada seja um ramo histórico importante da ciência da religião, não é possível fazer comparações sem antes levantarmos dados empíricos concretos, pautados em fontes primárias, de casos particulares. A forma como Eliade trabalhou com mitologia, recorrendo apenas a fontes secundárias e grandes anacronismos, não pode mais ser tolerada dentro da academia do século XXI.

Referências

ADLER, Margot. *Drawing down the moon*. New York: Penguin, 2006.

BEZERRA, Karina Oliveira. *Paganismo contemporâneo no Brasil: a magia da realidade*. 498 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. ed. rev. amp. São Paulo: Paulus, 2002.

CLIFTON, Chas S. Charles Leland’s How Diana gave birth to Aradia (Herodias). In: CLIFTON, Chas S.; HARVEY, Graham (Orgs.). *The Paganism reader*. New York; London: Routledge, 2004, pp. 61-62.

- ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ELIADE, Mircea. História das crenças e das ideias religiosas. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- ELIADE, Mircea. O mito do eterno retorno. Lisboa: Edições 70, 2019.
- GEERTZ, Armin W. Archaic ontology and white Shamanism. Religion, Cambridge, v. 23, pp. 369-372, 1993.
- GRIMASSI, Raven. Bruxaria hereditária: segredos da antiga religião. São Paulo: Gaia, 2003.
- GUERRIERO, Silas; STERN, Fábio L. Os mitos e os surgimentos dos deuses: a ressignificação de Eurínome pelo neopaganismo. In: SILVEIRA, Emerson Sena da; SAMPAIO, Dilaine Soares (Orgs.). Narrativas míticas: análise das histórias que as religiões contam. Petrópolis: Vozes, 2018, pp. 387-412.
- HANEGRAAFF, Wouter J. Neopaganism. In: HANEGRAAFF, Wouter J. New Age religion and Western culture: Esotericism in the mirror of secular thought. Leiden; New York; Köln: Brill, 1996, pp. 77-93.
- HUTTON, Ronald. The triumph of the moon: a history of Modern Pagan Witchcraft. Reino Unido: Oxford University Press, 1999.
- ILES, Judika. Encyclopedia of spirits: the ultimate guide to the magic of fairies, genies, demons, ghosts, gods & goddesses. New York: HarperCollins, 2009.
- INOCÊNCIO IV. Ad extirpanda. Vaticano: 1252 [suma papal].
- INOCÊNCIO VIII. Summis desiderantes affectibus. Vaticano: 1484 [suma papal].
- LELAND, Charles Godfrey. Aradia: or the gospel of the witches. Custer: Phoenix, 1990.
- MICHELET, Jules. A feiticeira. São Paulo: Aquariana, 2003.
- MÜLLER, F. Max. Comparative mythology: an essay. Routledge: London, 1909.
- RUSSEL, Jeffrey Burton; ALEXANDER, Brooks. História da bruxaria. São Paulo: Aleph, 2008.
- RUSSELL, Jeffrey Burton; MAGLIOCCO, Sabina. Witchcraft: concepts of witchcraft. JONES, Lindsay (Org.) Encyclopedia of religion. 2. ed. v. 14. Farmington Hills: Thomson Gale, 2005, pp. 9768-9776.
- SERITH, Ceisiwr. The Charge of the Goddess: a source analysis. Enchante, Carmentalia, v. 21, pp. 22-25, 1996.
- STRMISKA, Michael F. Modern Paganism in world cultures. Santa Barbara: ABC Clio, 2005.

VÁSQUEZ, Manuel A. *More than belief: a materialist theory of religion*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

WALKER, Barbara G. *The woman's encyclopedia of myths and secrets*. San Francisco: Harper & Row, 1983.

Editor responsável: Alfredo Teixeira

Recebido em: 17/02/2021

Aprovado em: 10/09/2021

Conflito de interesses: O autor faz parte da comissão editorial da REVER. Apesar disso, o artigo passou normalmente por todas as etapas de avaliação, e com autoria omitida, foi encaminhado para dois pareceristas residentes fora do Brasil, sem vínculo institucional com a REVER, seu corpo-editorial, ou com a própria PUC-SP, esta última a instituição do autor. Os pareceristas retornaram com um parecer positivo, desde que fossem acatadas algumas alterações. O autor ressubmeteu o artigo acatando as solicitações de alterações, e com isso um editor externo, da Europa, autorizou a publicação do artigo.